

O PAPEL DO PROFESSOR NA ERA DIGITAL: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES

The teacher's role in the digital age: challenges and transformations

Michele Bruna de Sousa Silva GAL (Universidade Estadual do Ceará/ FUNCAP, Fortaleza, Brasil)

Débora Leite de OLIVEIRA (Universidade Estadual do Ceará/ FUNCAP, Fortaleza, Brasil)

Rozania Maria Alves de MORAES (Universidade Estadual do Ceará/ FUNCAP, Fortaleza, Brasil)

Rogéria Costa PEREIRA (Universidade Estadual do Ceará/ FUNCAP, Fortaleza, Brasil)

RESUMO: *Este trabalho propõe a análise e revisão de literatura sobre o papel do professor em meio às mudanças provenientes da era digital. Sabe-se que hoje, com o advento de recursos tecnológicos cada vez mais compactos, da internet e das redes sociais, podemos ter acesso a imagens, vídeos e pesquisas de âmbito mundial em segundos. Abordaremos neste estudo a relação do professor com as novas tecnologias, o letramento digital no ambiente escolar, o letramento digital com o ensino de línguas estrangeiras e a ética que deve existir quando trabalhamos com a internet. Baseando-nos em pesquisas acerca do letramento digital, buscaremos analisar os desafios enfrentados por parte do professor em um mundo cada vez mais imediatista. Para tanto, recorreremos aos estudos de Freitas (2010), Rabelo e Haguenaer (2014), Coscarelli e Ribeiro (2005) e Frade (2005), dentre outros, com o intuito de delinear o perfil do educador inserido na nova era da informação.*

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professor; Letramento digital; Tecnologias

ABSTRACT: *This study proposes the analysis and literature review on the role of the teacher in the midst of changes arising from the digital age. It is known that today, with the advent of increasingly compact technological resources, the internet and social networks, we can have access to images, videos and worldwide researches in seconds. In this study, we will approach the teacher's relationship with new technologies, digital literacy in the school environment, digital literacy with the teaching of foreign languages and the ethics that must exist when working with the internet. Based on research on digital literacy, we will seek to analyze the challenges faced by the teacher in an increasingly immediate world. To this end, we turn to the studies of Freitas (2010), Rabelo and Haguenaer (2014), Coscarelli and Ribeiro (2005) and Frade (2005), among others, in order to outline the profile of the educator inserted in the new information age.*

KEYWORDS: Teacher training; Digital literacy; Technologies

Introdução

Sabe-se que as tecnologias digitais estão cada vez mais inseridas na vida das pessoas e também no meio educacional, não podendo seu uso consciente ser ignorado. A inserção de novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem traz um mundo de possibilidades, perspectivas inovadoras e muitos desafios. Dentre esses, destacamos a inclusão das novas mídias na educação e a necessidade de se ter uma formação docente capaz de orientar o processo de ensino-aprendizagem de forma positiva. Postulamos que a formação inicial ou continuada conduza para o letramento digital de professores e possa apoiá-los no desafio de formar cidadãos que usem o conhecimento de forma ética e libertadora.

Este trabalho se inicia com a discussão de autores como Freitas (2010), Rabelo e Haguenaer (2014), Lévy (2010), Coscarelli e Ribeiro (2005), Frade (2005), dentre outros, que analisam a inclusão de mídias no trabalho do professor formador frente ao novo modo de educar demandado pela modernidade e a necessidade de se mediar as habilidades proporcionadas pelos letramentos digitais.

Com a inserção das novas tecnologias no cotidiano, é praticamente impossível abdicar destes meios no dia-a-dia. Assim, o letramento digital faz-se necessário nos processos de formação do indivíduo nos campos social, cultural e intelectual. Desse modo, “os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula” (COSCARELLI, 2005, p. 31).

O presente texto relata investigações e reflete acerca do papel do professor dentro do mundo conectado. Apoiando-nos em estudos realizados pelos autores já citados, defendemos e descrevemos a importância do letramento digital na formação de professores e a necessidade de incorporação das novas mídias à prática de ensino. Ao discutir a relação entre o desenvolvimento das tecnologias da informação e o processo de ensino-aprendizagem da língua estrangeira é necessário refletir até que ponto a postura do professor frente ao uso dessas mídias atinge os aspectos emancipatórios do seu público, contribuindo assim com um uso mais consciente desses meios.

No que se refere à organização do nosso texto, além da seção introdutória, apresentaremos mais quatro seções: a primeira versa sobre o conceito de letramento digital e seus desafios no ambiente escolar; a segunda discute a formação de professores e a relação da mesma com o letramento digital; a terceira trata do letramento digital no contexto de ensino de línguas estrangeiras e, na última seção, analisamos o planejamento, a ética e a emancipação social por meio desses conhecimentos. Por fim, apresentaremos, de forma concisa, uma síntese das nossas discussões, assim como as nossas considerações finais acerca dos desafios ao longo do processo de inserção do trabalho do professor na modernidade e seu poder de transformação dentro desse cenário.

Letramento digital e seus desafios no ambiente escolar

Usar um computador e dominar os seus recursos em pleno século XXI está se tornando cada dia mais trivial. A utilização de recursos como *notebook*, *datashow*, aulas expositivas projetadas em *slides*, participação em grupos de *WhatsApp* com compartilhamento de mídias e aplicativos de gestão escolar para acompanhar notas e frequência, não são mais novidades e estão se tornando recursos corriqueiros nas escolas brasileiras. Porém, mesmo entendendo o processo de “alfabetização digital” para o manuseio desses aparatos, é importante que haja na prática uma consciência do uso responsável e proveitoso que possa gerar mais aprendizados a partir desses meios, em um processo de letramento digital. Segundo Frade (2005):

[...] temos vários alfabetizados que podem ser considerados analfabetos digitais. Talvez eles tenham conhecimento das práticas sociais de uso dessa tecnologia, compreendendo diversos usos e funções, mesmo sem operar diretamente com a máquina. Essa é a situação, por exemplo, de vários professores brasileiros que ainda não dispõem das condições de acesso, mas compreendem os usos sociais desse suporte e da linguagem multimídia. Neste caso, o termo *analfabetismo digital* poderia ser utilizado para já alfabetizados que não alcançaram o domínio dos códigos que permitem acessar a máquina (...) (FRADE, 2005, p. 73-74. Grifos do autor).

Assim sendo, não basta o professor saber manusear esses recursos, mas também ser letrado nesse meio e propiciar um letramento aos discentes. A definição de letramento digital é diversa. Para nosso objetivo, inferimos, resumidamente, que a definição desse conceito seja a capacidade de usar criticamente as diferentes ferramentas digitais. Para a *Association of College & Research Libraries* é:

uma série de habilidades que requer dos indivíduos reconhecer quando a informação faz-se necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação necessária¹ (CESARINI, 2004, p. 10).

Segundo Freitas (2010) o computador e a *internet* são vistos como instrumentos de ensino-aprendizagem e estão cada vez mais presentes nas salas de aula. Tal fato não significa que são usados de forma ativa, pois nem sempre os professores são letrados digitalmente para ensinar servindo-se dos recursos midiáticos, o que nos leva a concluir que talvez não haja mudança significativa no processos de ensino-aprendizagem.

Rabelo e Haguener (2014) defendem a aprendizagem em rede, assim professores e alunos seriam sujeitos críticos e desenvolveriam uma inteligência coletiva. As autoras advogam, ainda, que os alunos deixem de ser usuários passivos e acríticos do

¹ No original: “a set of abilities requiring individuals to recognize when information is needed and have the ability to locate, evaluate, and use effectively the information needed.” Tradução das autoras para o presente artigo, tendo em vista que não foi encontrada uma tradução publicada para o texto citado.

sistema, para se tornarem mais atuantes. O que se busca também com a inserção dessas novas mídias em sala de aula é fazer com que as aulas não sigam o modelo tradicional, no qual havia uma mera transmissão de conhecimento e pouca voz para os aprendizes. O conceito de letramento digital vinculado à prática de ensino deve levar os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem a interagir e colaborar de maneira mais ativa, agregando nesse processo o leque de possibilidades que programas e aplicativos podem trazer.

Infelizmente a formação de professores, de um modo geral, ainda não os prepara devidamente para um ensino no contexto digital e reflexivo. Por outro lado, há profissionais veteranos que apresentam resistência, seja porque já se estabeleceram na profissão, ou também por não terem recebido esse tipo de formação e, por isso, necessitarem de um processo de aperfeiçoamento de sua prática.

Em muitos casos se recorre à proibição das ferramentas digitais no contexto escolar, como se isolar a escola do contexto social fosse a alternativa mais eficaz. No estado do Ceará, por exemplo, há lei estadual que proíbe o uso de dispositivos portáteis pelo aluno em sala de aula. A Lei nº 14.146, de 25/6/2008, dispõe sobre a proibição do uso de equipamentos de comunicação, eletrônicos e outros aparelhos similares nos estabelecimentos de ensino do Estado durante o horário das aulas (CEARÁ, 2008). Casos como esse mostram o despreparo dos atores escolares para lidarem com essa nova realidade. Ao acreditarem que a proibição é a saída para este impasse, perdem a oportunidade de incluir o uso orientado dessas novas mídias, uma vez que, talvez, também não tenham recebido orientações para esse uso na formação inicial, nem nas formações continuadas, o que gera uma reação em cadeia de conflitos relacionados ao uso desses aparelhos (sejam celulares ou *tablets*).

A visão de temor e o discurso tradicionalista, ainda em vigor em algumas escolas, apontam a existência de acirradas concorrências dos conteúdos distrativos como uso de mídias sociais, plataforma de música e jogos não educativos, existentes no mundo da Internet, que desviam a atenção dos alunos e invadem as salas de aula. Existe, além disso, o receio frente à disseminação de *fake news* e “modinhas” que surgem diariamente no meio virtual e afetam diretamente a aprendizagem e a criticidade dos alunos. Nesse contexto, há de se interrogar o motivo pelo qual essa preocupação e proibição não serem substituídas pelo planejamento de ações que preparem docentes para navegar na *world wide web* de maneira crítica e segura.

Em um relato de caso, Santaella (2004) discorre sobre a evolução nos perfis de leitores ao longo do tempo e reforça a necessidade de novas reflexões acerca desses novos perfis para o ensino. A autora classifica os leitores em leitor contemplativo (dos livros em bibliotecas e leituras silenciosas e solitárias), o leitor movente (mais ágil, com estímulos da imprensa, dos impressos jornalísticos), o leitor imersivo (das telas de computadores fixos e com recursos imagéticos e multimodais em ascensão) e o leitor ubíquo (com surgimento mais recente, com a era digital, e sua possibilidade de mobilidade física e informacional). A ubiquidade leitora traz à tona o leitor dos

dispositivos móveis, dos estímulos visuais, das inúmeras informações em rede que podem, inclusive, levar à manipulação discursiva, caso os discentes estejam mal preparados para uma leitura crítica.

Assim, há uma preocupação dos docentes para com os alunos, visto que os componentes e conteúdos escolares, sobretudo textuais, estão sendo progressivamente deixados em segundo plano, se comparados às informações em rede. Essa situação gera tensões quanto à substituição pelo contato, em sua maioria, com leituras curtas, fragmentos, resumos e interpretações de outros autores sobre o texto original, fazendo os leitores perderem progressivamente o seu senso crítico, tomando como verdade a opinião de terceiros. Para Antonio (2010), no entanto, o problema vai além:

Alguns professores se queixam que os telefones celulares distraem os alunos. É verdade. Mas antes dos telefones celulares eles também se distraíam. A única diferença é que se distraíam com outras coisas; como aliás, continuam fazendo nas escolas onde os telefones celulares foram proibidos. O que causa a distração nos alunos é o desinteresse pela aula e não a existência pura e simples de um telefone celular (ANTONIO, 2010, s/p).

Por isso, é importante que haja uma preocupação com o papel do professor nessa nova era, pois sem o seu devido preparo, a disseminação de discursos tradicionalistas e de negação a esses recursos corre o risco de se perpetuar, mesmo que essas mídias (como o telefone celular) tragam uma infinidade de novas possibilidades e de evolução da maneira de ensinar e aprender.

Formação de professores e letramento digital

Os meios digitais permitem o acesso rápido e fácil a novidades, contrastando informações e acontecimentos históricos e nos possibilitam o conhecimento acerca de descobertas científicas. Novos programas de computador e aplicativos de celular nos levam em segundos aos lugares mais distantes, dentre outras infinitudes de recursos. Mas de que forma esses meios contribuem para a educação? Até que ponto o professor possui conhecimento acerca dos letramentos digitais para lidar com eles de forma didática? Como está sendo a formação de professores e como o conhecimento está sendo replicado?

Para que o professor integre de forma sistemática as novas mídias à sua prática de ensino, é necessário que ele já tenha habilidade com os sistemas que pretende usar e que saiba agregá-los no seu próprio processo pedagógico. Concordamos com Rabello e Hagenauer (2014) quando relatam que os professores, se formados digitalmente, têm mais segurança em transmitir esses conhecimentos, e também quando falam sobre mudança de comportamento nas práticas pedagógicas que devem ser tomadas por esses professores quanto ao uso das novas mídias. As autoras ainda afirmam que a escola tem

um papel de extrema importância na formação dos jovens para o uso das tecnologias de forma consciente e crítica.

Os professores formadores nas graduações e também aqueles que exercem esse papel nas Secretarias de Educação (SEDUCs) precisam estar atentos a essa necessidade nas formações, a fim de oferecer subsídios teórico-metodológicos para os docentes poderem ser, assim, responsáveis pelos próprios conhecimentos e pelo conhecimento dos alunos.

A realidade, no entanto, é outra, como constata Freitas (2010): muitos professores não recebem formação básica sobre o uso de recursos midiáticos, nem durante a graduação e nem em formações posteriores. Com base nisso, concordamos com Barbosa *et al.* (2016, p. 630), ao questionarem se, de fato, as práticas pedagógicas estão efetivamente adequadas ao uso das novas tecnologias, dos textos multimodais, por exemplo. Assim, os professores continuam com suas metodologias tradicionais, sem extrair tudo que as novas mídias podem oferecer para sua sala de aula.

Segundo Freitas, “[de] modo geral, todos os usos do computador-internet se processam a partir da leitura-escrita e da presença cada vez mais intensa de recursos multissemióticos, multimidiáticos e hipermidiáticos nessa tecnologia” (FREITAS, 2010, p. 337). Essa afirmação dialoga com os resultados apontados por Gatti e Barreto (2009):

[...] um curso feito a [sic] base de apostilas e resumos e cópias de trechos ou capítulos de livros é basicamente o que forma a maioria dos estudantes para o magistério, quer nos cursos de Pedagogia, quer nos das demais licenciaturas! (GATTI; BARRETO, 2009, p. 175).

Se não há uma orientação formal ou discussão de como se trabalhar efetivamente com todos esses recursos digitais nos cursos de graduação e nas formações continuadas espalhadas pelo Brasil, o que esperar de educadores que evitam utilizar os meios tecnológicos? Que trabalhem de modo indutivo e que façam de sua sala de aula um laboratório? É paradoxal um professor receber em sua formação inicial apenas diretrizes sobre técnicas pedagógicas ou conteúdos e ter que agregar novas mídias na sua vida real em sala de aula, e ainda inovar suas aulas com métodos que não foram trabalhados na sua graduação.

Acreditamos que muitos dos conteúdos vistos em sala de aula podem ser complementados de forma significativa e proveitosa na tela de um computador, *tablet* ou celular. Para isso, atualmente o professor vê a necessidade de aprender, muitas vezes sozinho, a forma de usar essas tecnologias como sua aliada e encantar seus alunos com aulas mais instigantes. Senão, vejamos o seguinte exemplo: se um professor aborda o estudo da Segunda Guerra Mundial na disciplina de história moderna, esse assunto pode ser enriquecido com imagens retiradas da *internet*, mostrando inclusive o local, abordando assim a temática geográfica. Pode mostrar também a produção das armas, envolvendo o estudo químico, apresentando os efeitos da bomba atômica no ser humano, abordando a temática das mutações genéticas da área de biologia. Há ainda a

chance de discutir sobre o sistema político vigente no cenário mundial do período, com entrevistas exclusivas com pessoas que viveram nessa época, dentre inúmeras informações encadeadas de maneira interdisciplinar. Com todos esses recursos, o assunto pode ser ampliado abrangendo outros campos do conhecimento, trazendo justamente a interdisciplinaridade tão discutida e almejada por educadores, como proposta para dinamizar o ensino. Desta maneira busca-se formar cidadãos críticos e entendidos de diversos assuntos e não se limitar a uma única visão de determinado conteúdo, tampouco cair em manipulações como as *fake news*, por exemplo, tendo aparato para identificá-las e não propagá-las nesse meio. Essa vasta visão pretende tornar indivíduos mais reflexivos, com desejo de aprender mais e ter uma aula mais dinâmica e menos monótona, instigando os alunos envolvidos nesse processo.

Para compreender melhor o conceito de letramento digital, é importante esclarecer, primeiramente, a dimensão social de letramento², ampliando a definição inicial que apresentamos na seção anterior. Para Soares (2006, p. 74-75), letramento é o “conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem leitura e escrita, geradas por processos sociais mais amplos e responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais”. No ambiente digital, segundo Buzato (2006 apud REZENDE, 2016, p. 101), os letramentos agem como:

redes de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais (computadores, celulares, aparelhos de TV digital, entre outros) para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais limitados fisicamente, quanto naqueles denominados online, construídos pela interação social mediada eletronicamente.

Tal posição é também defendida por Freitas (2010) que aborda as competências digitais como sendo:

[Um] conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente (FREITAS, 2010, p. 339-340).

Assim, segundo esses autores, para que haja o estímulo a uma leitura crítica nos ambientes digitais, é necessário que o professor tenha o conhecimento suficiente para subsidiar a formação de alunos letrados digitalmente, tornando-os aptos a atuarem socialmente nesse contexto. No entanto, é importante ressaltar que, em alguns lugares do país, ainda encontramos professores que não têm conhecimento da realidade moderna virtual com todas estas vantagens citadas anteriormente, e que há escolas que

² Esta dimensão social de letramento caracteriza aquilo que Brian Street (2014) denomina de “letramento ideológico”.

não possuem aparato material e financeiro para inserir esses recursos nos processos de ensino-aprendizagem. Igualmente necessário é destacar que os meios modernos de comunicação estão chegando a lugares cada vez mais remotos a cada dia que passa, fazendo com que, daqui a alguns anos, essas pessoas hoje excluídas tecnologicamente tenham acesso a esses meios. É compreensível que, diante de tantas descobertas tecnológicas, às vezes fiquemos diante de uma extrema precariedade neste setor, seja por motivos políticos, educacionais ou culturais.

O professor pode também enfrentar a falta dos recursos didáticos, como por exemplo, do computador e/ou da *internet* nos laboratórios de informática de escolas e faculdades. Essa defasagem é constatada, principalmente, nas redes públicas de ensino. Um possível problema, também, pode ser a falta de letramento por parte do aluno economicamente carente: o professor precisa estar atento para não excluí-lo e criar oportunidades para a inclusão digital em sala de aula.

Conforme Lévy (2010), as redes digitais podem também gerar novas formas de isolamento, aqui destacamos os alunos de escolas/faculdades públicas que não têm acesso à integração da rede nem no espaço público (escolas e faculdades) nem em casa. Vale salientar que muitos tomam os alunos como letrados digitais e o professor como iletrado. No ensino médio público, nível no qual atuamos, essa visão seria equivocada, já que a grande maioria dos alunos só tem acesso, quando têm, às mídias sociais como *Facebook* e *Instagram*, mas esse acesso não significa necessariamente que eles sejam leitores digitais proficientes. O mesmo acontece com relação a outras mídias com as quais esses estudantes não têm, na sua maioria, a mínima intimidade.

A exclusão digital ainda é um problema muito significativo que temos a enfrentar, não só em termos informacionais, mas a falta de contato com esses meios causa segregação em todos os sentidos, gerando preconceito e exclusão destas pessoas diante da sociedade. Entretanto, ainda que não tenha acesso à rede mundial de computadores, o usuário poderá, na maioria dos casos, acessar outros meios de comunicação, por exemplo, televisão e rádio, não ficando, portanto, totalmente isolado do mundo.

O professor deve, antes de tudo, ser um indivíduo preparado e a par dos acontecimentos do mundo. Para que isso seja possível, ele terá de recorrer aos meios de comunicação para posicionar-se diante de assuntos polêmicos destacados pela mídia de maneira geral, uma vez que alguns alunos, por terem um maior acesso a esses recursos, possuem esse conhecimento, pois já pertencem a uma geração que não enxerga o mundo sem esses meios.

Na ausência de uma orientação específica, correremos o risco de termos alunos que se tornarão adultos consumistas e alienados, usuários virtuais desprovidos de atitudes éticas. Mas, se pensarmos de maneira diferente, estes recursos poderiam ser usados como meio de propagação do ensino e de conhecimentos. O educador deve iniciar o aluno na obtenção de uma visão crítica e independente, sendo por isso seu dever apresentar esses meios da forma mais didática possível, pois, muitas vezes, a falta

de informação leva o aluno a permanecer à margem do consumismo e da informação persuasiva e hipnótica.

Sabe-se que o público escolar é rapidamente mutável e com características cada vez mais imediatistas, o que leva, muitas vezes, a mudanças nas metodologias e à inserção da tecnologia na prática diária. Os elementos escolares que antes chamavam a atenção e facilitavam o aprendizado, hoje já não produzem o mesmo efeito. Aliar plataformas pedagógicas ao currículo e ao ensino tem sido alternativas eficazes, que, bem direcionadas, acabam ajudando e muito no processo de ensino-aprendizagem.

Tecnologias e ensino de línguas estrangeiras

As tecnologias aliadas ao ensino de língua estrangeira (LE) vêm ganhando cada dia mais espaço nas salas de aula. Isso porque o aluno pode lançar mão de várias ferramentas e aparatos para ter um maior contato com a língua alvo. Se, de um lado, temos alunos que buscam de alguma forma aproveitar essa oportunidade do mundo moderno, do outro temos professores que não tiveram formações voltadas para lidar com essas ferramentas. Algumas licenciaturas ainda não são voltadas para aproveitar e retirar da rede as informações necessárias para uma aula mais ativa. Uma parte dos professores formadores e uma grande parte das instituições de ensino ainda não avaliaram como pertinente a introdução dessas ferramentas na sala de aula.

Apesar de a maioria dos professores de língua estrangeira não terem na sua formação inicial esse contato, acreditamos que, se compararmos o ensino de outras disciplinas com o ensino de língua estrangeira, veremos que o uso das mídias digitais é bem mais frequente nesta disciplina do que nas outras. Cremos que isso se dá, provavelmente, devido aos incentivos ou às formações dadas a esses professores por institutos e escolas, ou às licenciaturas das referidas línguas. Podemos citar aqui, como exemplo, o Instituto Goethe³, que incentiva o ensino da língua alemã com formações continuadas presenciais ou através da plataforma Moodle no Brasil e no mundo.

No entanto, seria interessante que esses incentivos e iniciativas estivessem inseridos dentro de políticas públicas que garantissem a estudantes e professores o acesso regular e satisfatório às tecnologias no seu dia-a-dia, como defendem Grossi et al. (2013). Em um estudo sobre inclusão e exclusão digital, esses autores discutem essa questão no panorama brasileiro defendendo a ideia de que a inclusão digital deve estar atrelada à inclusão social. Os autores elencam alguns programas no Brasil cujas propostas estão voltadas para oferecer melhor acesso ao cidadão à inclusão social e também digital tais como, por exemplo, o Programa de Banda Larga nas Escolas

³ <https://www.goethe.de/de/spr/unt/for.html>.

(PBDE), o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), e o Programa um computador por aluno (UCA) para citar apenas alguns⁴.

Atualmente, há diversos materiais disponíveis na *internet*, tais como aplicativos, jogos, cursos/palestras gratuitas *on-line*, *podcast*, *wikis*, *WhatsApp* e algumas escolas particulares e federais dispõem também de lousa digital. Esses aplicativos e ferramentas proporcionam ao aluno uma nova forma de compreender e de sentir a língua muito mais perto de si, aprendendo-a de forma ativa e podendo, muitas vezes, pôr em prática os conteúdos discutidos em sala. Diante dessa vasta oferta, Garcia et al. (2012) afirmam que:

somente as aulas frontais não mais atendem às necessidades trazidas e demandam um novo planejamento. As práticas de LEs podem transcender as paredes da sala de aula com vistas à globalização. Tecnologias e comunicação devem se constituir importantes vieses na aprendizagem de línguas, no contato com os povos e no intercâmbio cultural, com uma visão de língua como instrumento de comunicação para transformação social (GARCIA et al., 2012, p.13).

Esta questão nunca antes se mostrou tão real e necessária quanto no momento atual, durante o enfrentamento de uma pandemia⁵ que levou o mundo inteiro a explorar as tecnologias da informação e da comunicação em todos os setores do convívio humano de âmbito pessoal e profissional (situações familiares, educativas, laborativas, religiosas, entretentes e outras). Especificamente nos campos laborativo e educativo, profissionais das mais diversas áreas, professores e estudantes precisaram, de maneira imediata, recorrer a recursos tecnológicos para dar prosseguimento, na modalidade remota, às suas atividades diárias. Uma solução como essa pode, sem dúvida, e de forma emergencial, atender às necessidades desses usuários, mas não se pode deixar de mencionar questões importantes que tal situação suscita para uma reflexão mais profunda no que se refere ao contexto brasileiro.

Sabemos que há alguns obstáculos para que o professor de LE use o computador como aliado, aqui voltamos para o mesmo problema citado anteriormente: a falta de recursos das escolas e universidades públicas, a defasagem no número de computadores

⁴ Os autores apontam vários programas de inclusão social e digital a partir de uma pesquisa que realizaram no segundo semestre de 2012. São programas criados entre o final dos anos 1990 e a primeira década dos anos 2000. Para maiores informações consultar o estudo de Grossi et al. (2013) citado em nossas referências.

⁵ A pandemia de Covid-19, doença causada pelo corona vírus que afeta, em princípio, as vias respiratórias do ser humano, teve seu primeiro registro na cidade de Wuhan, na República Popular da China, no final de 2019, e se alastrou pelos mais diversos lugares do planeta. A doença afetou intensamente países da Europa, por exemplo, Itália e Espanha; e no Brasil, assim como nos países europeus, o isolamento social, o confinamento e o fechamento de cidades (*lockdown*) foram medidas necessárias tomadas para atenuar a propagação do vírus que colapsou o sistema de saúde e abalou fortemente o sistema econômico dos países afetados. Diante dessas medidas os cidadãos precisaram remanejar suas atividades pessoais e profissionais mediadas, então, pelas tecnologias da informação e da comunicação na modalidade a distância. Para maiores informações sobre a pandemia do Covid-19, consultar o site: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em 12 mai. 2020.

e/ou a sua desatualização técnica e a baixa qualidade da conexão internet. Sem falar na necessidade que, muitas vezes, o docente tem de se adequar ou ressignificar determinadas prescrições que envolvem o uso das tecnologias, apesar de nem sempre possuir formação suficiente para isso. Problemas que alguns professores e educadores precisaram enfrentar diante do cenário da pandemia, citado acima.

Assim, concordamos com Buzato (2001, p. 77) de que o ciberespaço desafia o professor “a encontrar maneiras de ‘facilitar’ a atividade de aprender dos alunos”, portanto, o papel do professor é fazer e ensinar a fazer, e, desta forma, ele pode impulsionar os alunos a buscarem ferramentas que os ajudem na aquisição desse novo idioma. Se na escola o computador não funciona, o aluno poderá utilizar as mídias digitais em outro momento, em casa ou em algum outro lugar onde ele tenha acesso à *internet*.

Planejamento, Ética e Emancipação por meio dos Letramentos Digitais.

A partir da assimilação de algumas habilidades proporcionadas pelos letramentos digitais, é possível que outras sejam desenvolvidas e mais propósitos sejam alcançados através da linguagem. Viver, trabalhar e alcançar objetivos por meio das redes já é essencial para que se consiga emancipação e inserção nos mundos acadêmico e laboral. Por isso, os professores, principalmente os de línguas, podem ser importantes guias no desenvolvimento da linguagem formal e na maneira ética no trato com a linguagem, proporcionando autonomia aos discentes e permitindo conquistas e alcance de metas.

Quando se fala em planejamento, não se trata de um momento solitário, mas sim de um evento coletivo e sistemático, uma vez que se foca em objetivos da escola como um todo, e de um planejamento a ser discutido nas formações do meio acadêmico, sejam iniciais ou continuadas. Assim sendo, não se perde de vista os usos práticos resultantes do manuseio do aparato tecnológico que está à disposição e rodeia o público escolar.

Tem-se hoje, no que se refere ao universo digital, uma forte influência das redes sociais e a dicotomização de opiniões cada vez mais conflitantes, sejam elas políticas ou ideológicas. Essa polarização de ideias traz problemas para o mundo real, os quais na verdade já existiam antes do advento do mundo tecnológico-digital, mas que agora ganham um novo campo de discussão. Tratar a ética nesses meios faz-se essencial, uma vez que a escola pode formar usuários das redes mais reflexivos e críticos e que possam compreender essas ferramentas como uma vertente do social e não apenas um meio que lhes garante distanciamento e anonimato, o que muitas vezes pode levar a um uso não responsável.

Assim, o domínio desses recursos possibilita que os indivíduos se insiram em meios que permitam uma emancipação, por exemplo: a escrita de projetos e trabalhos

escolares ou acadêmicos, as pesquisas sobre diferentes temas, o armazenamento de dados e, por fim, a utilização de ferramentas de áudio e vídeo que apresentem realidades distantes e contribuam para um aprendizado contínuo e progressivo. É nesta direção que Grossi et al. (2013) vislumbram uma inclusão digital e social, mas, para que isso ocorra, é absolutamente necessário que existam políticas públicas que contemplem esses dois aspectos. Segundo os autores “as consequências da exclusão social acentuam a desigualdade tecnológica e o acesso ao conhecimento, aumentando o abismo entre ricos e pobres (GROSSI et al. 2013, p. 81).

Por meio da inserção da tecnologia em sala de aula é possível também o contato com o conhecimento de outras culturas e realidades, com o acesso a documentos, livros e outras publicações digitais importantes da humanidade, assim como as descobertas científicas, dentre uma infinidade de informações. O uso das tecnologias pode proporcionar uma evolução intelectual libertadora, desde que as informações sejam selecionadas e interpretadas de modo crítico. Ainda concordando com o pensamento de Grossi et al. (2013, p. 82), o acesso às tecnologias deve apropriar-se como um mecanismo que pode viabilizar ao usuário “melhorias de vida, transformação social, desenvolvimento econômico-cultural e formação de uma cidadania consciente, crítica e reflexiva. Assim, incluir digitalmente passa a ser incluir socialmente”.

Em contrapartida, se mal direcionados esses recursos e seus conteúdos podem ser alienantes, uma vez que há algoritmos que mapeiam o estudo do comportamento dos indivíduos *on-line*, e podem, assim, conduzir os indivíduos para opiniões unilaterais.

Considerações finais

A partir das análises tecidas durante o presente texto, é possível concluir que é inegável o fato de a tecnologia estar cada dia mais presente em nosso cotidiano, e que os jovens acabam sendo os mais adeptos a ela. Essa situação coloca uma grande preocupação para os pais e professores, que, por ainda não se sentirem preparados para lidar com essas conjunturas, acabam, muitas vezes, por proibir e suspender o uso em casa e em sala de aula.

No entanto, somente o direcionamento acompanhado das habilidades proporcionadas pelos letramentos digitais para o uso desses meios acaba sendo a chave para resolver muitas situações. A infinidade de informações fornecidas no ambiente virtual leva a conhecimentos tão completos e detalhados que, muitas vezes, nem o livro didático, nem o professor os detêm completamente, visto que a quantidade de opções que uma rede de conexões mundiais pode armazenar é, teoricamente, infinita.

Por meio do trabalho do professor na lida com os novos letramentos que a modernidade digital demanda, desenvolvem-se na escola alunos críticos e cômicos de seu papel na sociedade, gerando assim grandes transformações sociais. Em um mundo, sobretudo imediatista, no qual parece ser mais cômodo acreditar em *fake news*, a

ausência de leituras consistentes deixa grandes lacunas no processo de formação intelectual.

Cabe ao professor, figura importante no processo educacional, orientar o aluno, mostrando-lhe as duas faces da modernidade e apontando a forma mais adequada de tirar proveito de toda essa enxurrada de informações. Esse norteamento subjetivo do professor ajudará o aluno a selecionar as informações que lhe forem mais adequadas para seu crescimento pessoal.

Nesse contexto, o espaço então tradicional de uma sala de aula poderá proporcionar também um avanço na educação, abrindo novas possibilidades e oportunidades. Os novos letramentos podem ser, assim, uma ponte para uma educação inserida na realidade, no hoje e, porque não, no agora, sem perder, claro, todo o conhecimento prévio do assunto em pauta, mas com uma roupagem evoluída na prática de ensino-aprendizagem no que diz respeito ao processo educacional em si.

Consideramos muito delicado exigir de um professor uma formação voltada para os novos letramentos quando, na verdade, ele não a teve, isto é, em geral, a defasagem vem já na sua formação inicial, quando esse professor, por vezes, não teve o mínimo de direcionamento acerca das novas mídias. Assim sendo, como pode um professor que não é letrado digitalmente ser um professor formador digital? E ainda mais, como exigir de um professor tempo para essa nova habilidade se ele já tem que dar conta de uma série de problemas estruturais no processo educativo? Como exigir de um professor que já está para se aposentar o uso das novas mídias integradas às suas aulas?

Além desses problemas na formação inicial e continuada, ainda há muitos educadores que enfrentam a falta dos recursos didáticos digitais mínimos, por exemplo, o computador e/ou *internet* nos laboratórios de informática de escolas e faculdades. Essa defasagem é constatada, principalmente, nas redes públicas de ensino.

Assim como Rabello e Haguenaer (2014) acreditamos na necessidade de se pensar uma nova formação de professores para atuar *para e na* cibercultura. Essa necessidade é urgente, a fim de que possamos atender as demandas da sociedade digital. Propostas inovadoras voltadas para o uso crítico das ferramentas pelos professores, as formações *on-line*, às quais alguns têm acesso, nem sempre são vistas como muito importantes, pois são, muitas vezes, voltadas apenas para o uso técnico sem abordar a criticidade e a inovação que essas ferramentas digitais podem trazer para sala de aula.

Por fim, cremos que a formação inicial e continuada de professores, tendo em vista a aquisição de habilidades dos letramentos digitais, podem, assim como mencionados por diversos autores citados no decorrer desse artigo, levar à discussão de questões essenciais para o desenvolvimento crítico e social dos discentes.

Referências

ANTONIO, J. C. *Uso pedagógico do telefone móvel (Celular)*, Professor Digital, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <<https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>>. Acesso em: 22 mai. 2019.

BARBOSA, V. S.; ARAÚJO, A. D.; ARAGÃO, C. O. Multimodalidade e multiletramentos em atividades de leitura em meio digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.16, n. 4, p. 623-650, 2016.

BUZATO, M. E. K. *O letramento eletrônico e o uso do computador no ensino de língua estrangeira: contribuições para a formação de professores*. 2001. 188 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270554/1/Buzato_MarceloElKhouri_M.pdf. Acesso em 10 dez. 2019.

BUZATO, M. E. K. *Letramento digital: um lugar para pensar em internet, educação e oportunidades*. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EDUCAREDE, 3., São Paulo, 2006. Anais... São Paulo: CENPEC, 2006. s/p.

CESARINI, P. Computers, technology and literacies. *The Journal of Literacy and Technology*, 2004, p. 1-16. Disponível em <http://www.todroberts.com/USF/Computers-Technologies-Literacies.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

CEARÁ (Estado). Lei n. 14.146, de 25 de junho de 2008. Dispõe sobre a proibição do uso de equipamentos de comunicação, nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário das aulas. Disponível em: http://www.mp.ce.gov.br/orgaos/CAOPIJ/legislacao_est.asp>. Acesso em: 20 mai. 2019.

COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V., RIBEIRO, A. E. (Org.) *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógica*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p. 25-40.

FRADE, I. C. A. S. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com a aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, C.V. ; RIBEIRO, A. E. (Org.). E. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005, p. 59-83.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.26, n.3, p. 335-352, dez. 2010.

GARCIA, D. N. M.; NORTE, M. B; MESSIAS, R. A. L. *Tecnologias de Informação e Comunicação: TICs aplicadas à LE*. UNESP/Redefor, 2. ed. 2012. Endereço permanente: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/45825>. Acesso em: 18 dez. 2019.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S. *Professores: aspectos de sua profissionalização, formação e valorização social*. Brasília, DF: UNESCO, 2009. (Relatório de pesquisa).

GROSSI, M. G. R.; COSTA, J. W.; SANTOS, A. J. A exclusão digital: reflexos da desigualdade social no Brasil. *Nuances: estudos sobre educação*, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 2, p. 68-85, mai./ago. 2013.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010. 272 p.

RABELLO, C. R. L.; HAGUENAUER, C. J. Tecnologias, novos letramentos e formação de professores para/na cibercultura. In: HAGUENAUER, C. J.; ULBRICHT, V. R.; LIMA, L. G. R. (Orgs.). *Pesquisas em linguagem e educação no contexto das tecnologias digitais*. Curitiba: CRV, 2014. p. 201-2116.

REZENDE, M. V. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. *Texto livre. Linguagem e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 94-107, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/10266/9615>
Acesso em: 17 dez. 2019.

SANTAELLA, L. *O leitor ubíquo e suas consequências para a educação*. [Paraná]: Programa Agrinho, 2014. p. 27-44. Disponível em: http://www.agrinho.com.br/site/wp-content/uploads/2014/09/2_01_O-leitor-ubiquo.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 128 p.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014. 240 p.